

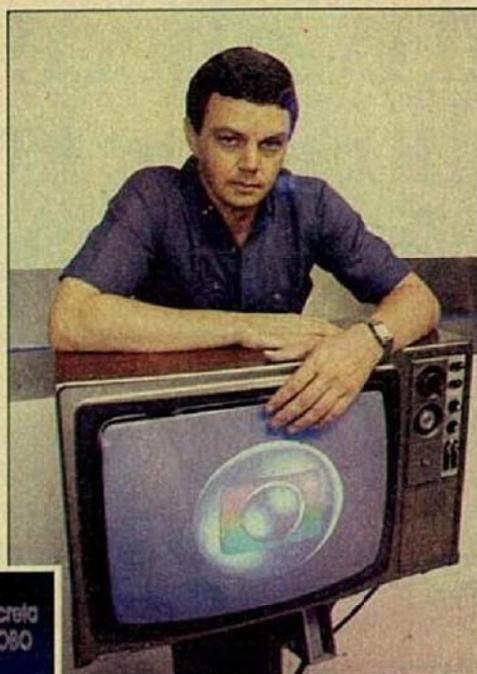
Fora de foco

Histórias falhas sobre a trajetória da TV

Mesmo que um brasileiro nunca assista televisão, ele estará inapelavelmente exposto ao seu poder. Ele encontrará sempre alguém que comente o desenrolar de uma novela. Verá nas ruas modas que aparecem na televisão. Ouvirá gírias usadas em programas humorísticos. Será obrigado a perguntar quem é Renato Villar e qual é o significado da expressão "falha nossa". Entre as redes de televisão, a Globo desfruta de um poder sem rivais. Ela faz com que desconhecidos se transformem em ídolos, influencia analfabetos e letrados, mexe em todos os setores da sociedade brasileira. A televisão, e a Globo em particular, com todo o seu poder, complexidade e presença perturbadora no Brasil só não consegue mexer com um setor: o da produção de bons estudos sobre a televisão e a própria Globo.

É quase um milagre de Roque Santeiro que sejam publicados tão poucos livros sobre televisão no Brasil. E que os raros que são lançados sejam tão ruins. É o caso, por exemplo, de *A História Secreta da Rede Globo* (Tchê, 304 páginas, 250 cruzados), escrito pelo jornalista e professor universitário gaúcho Daniel Herz, 32 anos. O livro consegue a proeza de comportar dois engodos logo no título, já que não conta nem a história da Globo e muito menos a história "secreta". Com candura, Herz avisa logo na introdução de seu estudo que não pretendeu "abranger toda a história da Globo" e que concentrou sua análise no período que vai de 1961 a 1968. Ou seja, focalizou apenas sete anos da história da rede e passou praticamente ao largo de quase duas décadas — justamente aquelas em que a Globo conquistou e consolidou o seu poderio. A concepção que o autor tem do "secreta" do seu título é igualmente estapafúrdia: o livro todo se baseia em notícias de imprensa e documentos já divulgados anteriormente.

CONSPIRATÓRIA — Mesmo se fundamentando em dados sabidos e investigando um período pequeno da trajetória da rede, *A História Secreta da Rede Globo* poderia ser um livro útil, tal a dimensão do deserto da literatura sobre televisão. Bastaria, tão-somente, que o autor ordenasse de maneira compreensível as informações que coletou. Ou que, com base nessas informações, chegasse a uma con-



Herz: denúncias nada secretas

clusão mais profunda. Em vez disso, o livro privilegia o sensacionalismo.

Em primeiro lugar, repetindo a velha teoria conspiratória da história: a Globo controla tudo e todos, a direção da rede possuiu o condão de alterar os desti-

nos do país ao seu bel-prazer. Na ânsia de denunciar o poder da Globo, Herz termina por exagerá-lo. Ele vê a rede e não enxerga o país em que ela atua. O país que fez a campanha das diretas já à revelia da Globo. O país em que Leonel Brizola tomou posse e governou o Rio de Janeiro contra a vontade da Globo. O país em que, no ano passado, a banda RPM tornou-se um fenômeno de massa sem que a Globo se empenhasse nisso. Com esse procedimento, o livro reduz a complexidade da Globo a um estratagema simplista, maquiavélico. Os brasileiros, por sua vez, são vistos como um aglomerado amorfo, que faz o que a Globo manda.

CONFUSÃO — Depois da ruindade de *A História Secreta da Rede Globo*, os três ensaios reunidos em *Um País no Ar — História da TV Brasileira em 3 Canais* (Brasiliense-Funarte, 323 páginas, 230 cruzados) têm a aparência de um bálsamo. Neles, é possível ao menos constatar que a televisão brasileira tem uma história que antes de a Globo ser líder de audiência a TV Tupi, a TV Rio e a TV Excelsior também tiveram seus dias de poder e glória. Em "TV à Chateaubriand", de Inimá Simões, e em "Rio e Excelsior", de Alcir Henrique da Costa, os dois primeiros ensaios do livro, relembram-se com um mínimo de clareza os primórdios da televisão brasileira. Ambos possuem a virtude de buscar investigar as inovações técnicas e estéticas dos canais que estudam para compreender a evolução da televisão. Igualmente, no entanto, os dois cedem à tentação de eleger os donos das emissoras como responsáveis maiores pelo colapso de seus empreendimentos.

O ensaio final de *Um País no Ar*, de autoria de Maria Rita Kehl, sobre a Rede Globo, pertence a outra família: a do bom material lamentavelmente desperdiçado. Há nele depoimentos inéditos, dados relevantes e um punhado de boas idéias sobre a especificidade da linguagem utilizada pela Globo em suas novelas. O lamentável é que tudo isso seja apresentado de cambalhada, com as informações convivendo pouco harmoniosamente com as opiniões da ensaísta. De um lado, por exemplo, ela explica como a rede organizou sua programação em função de uma estratégia de, prioritariamente, atrair os anunciantes. De outro, brota sumariamente a opinião de que o Brasil é uma nação "esquizóide". Do choque entre a informação e a opinião, surge uma Globo fora de foco, uma televisão confusa.

ISABEL TARANTO REIS

OS MAIS VENDIDOS	
Ficção	
1	As Brumas de Avalon, Marion Zimmer Bradley (1-38)
2	O Perfume, Patrick Süskind (2-25)
3	A Filha da Noite, Marion Zimmer Bradley (4-6)
4	Quem Matou Palomino Molero?, Mario Vargas Llosa (6-13)
5	A Insustentável Leveza do Ser, Milan Kundera (3-116)
6	O Amor nos Tempos do Cólera, Gabriel García Márquez (5-35)
7	A Cor Púrpura, Alice Walker (7-34)
8	A Brincadeira, Milan Kundera (9-31)
9	De Amor e de Sombra, Isabel Allende (10-28)
10	Risíveis Amores, Milan Kundera (8-69)
Não-ficção	
1	Rumo à Estação Finlândia, Edmund Wilson (1-22)
2	Só É Gordo quem Quer, João Uchôa Jr. (3-49)
3	Made in Japan, Akio Morita (2-16)
4	Olga, Fernando Morais (5-76)
5	Tudo que É Sólido Desmancha no Ar, M. Berman (4-14)
6	Uma Autobiografia, Lee Iacocca (6-70)
7	A História Secreta da Rede Globo, Daniel Herz (8-2)
8	Mulheres Inteligentes..., C. Cowan e M. Kinder (7-36)
9	Brasil: Nunca Mais, D. Paulo Evaristo Arns e outros (9-83)
10	De Fato e de Ficção, Gore Vidal (10-2)
<small>Fontes: Livrarias Brasiliense, Cultura, Laselva, Saraiva, Siciliano (SP); Argumento, Dazibao, Unilivros (RJ); Eldorado, Van Damme (MG); Sulina (RS); Livro 7 (PE); Ao Livro Técnico (CE); Ghignone (PR); Livracer (MS); Freitas Kanitz, Literarte (BA); Sôtiler (DF); Catarinense (SC). Os números entre parênteses indicam: a) colocação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas o livro aparece na lista. Esta lista não inclui livros vendidos em bancas.</small>	